

Veredas

Metáfora na Linguagem e no Pensamento

2/2011

A contribuição da metáfora antropofórica para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos) e das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais)

Kilpatrick Campelo (UFPI)

RESUMO: A metáfora antropofórica funda a construção da referência humana em caráter lexical e gramatical. Por meio da metáfora antropofórica lexical, nomes em geral servem de fonte para a dação de antropônimos e axiônimos, vez que se selecionam traços semânticos culturalmente relevantes dos referentes e eventos designados por tais nomes. Há dois percursos de metaforização de natureza antropofórica: a metaforização lexical de nomes quaisquer em antropônimos; a metaforização conceitual por meio da escolha de nomes gerais, em geral formas de tratamento, para a reestruturação do quadro das proformas nominais pessoais.

Palavras-chave: metáforas lexicais e gramaticais; antropoforicidade; gramaticalização

Introdução

Este artigo divide-se em três partes fundamentais. A primeira destina-se a apresentar a tese defendida em Campelo (2007) de que a protoclasse de palavras é a classe nominal. A segunda descreve o processo de metaforização de natureza lexical, por meio do qual os nomes de referentes em geral são apropriados para a designação de referentes humanos, ou seja, ocupa-se

da formação da antroponímia. A terceira discute o processo de metaforização constitutivo de gramaticalizações de formas de tratamento mais lexicais e mais gramaticais. Entende-se que a categoria fundamental a regular a inclusão de todas as formas de tratamento em um único grupo é a antropoforicidade.

1. O nome como matriz de todas as classes

A postulação de que a classe nominal opera como uma protoclasse geratriz de todas as demais, neste artigo, relaciona-se com uma teleologia cognitivo-linguística de ordem filogenética, ontogenética e logogenética¹. A classe matricial nominal irrompe de experiências sensoriais cujo ponto de partida é o corpo humano em interação com seu ambiente. Os nomes se prestam, assim, desde o princípio para a identificação de referentes ao alcance da percepção humana imediata. Progressivamente, a percepção sofre refinamentos em direção a um grau maior de abstratização cognitiva e linguística². De todo modo, a matricialidade nominal é revivida constantemente, em cada nova geração linguística ou sincronia, na medida em que os novos usuários recriam as designações em geral, assim como as referências antropofóricas. As referências em geral dizem respeito às designações de todo e qualquer ente identificável por meio de nomeações³.

¹ Considerações mais detalhadas a respeito da aludida teleologia podem ser encontradas em Campelo (2007). Porém, de modo sumário, o fundamento da postulação de que o nome é a matriz de todas as classes provém da assunção de estudos comprobatórios de que há, em todas as línguas naturais, as classes nominal e verbal. Isso caracteriza a natureza de classe privilegiada, em caráter universal, da classe nominal. Em termos empíricos, a evidência da matricialidade da classe nominal provém do fato de os seres humanos principiarem a usar a língua para referir entes mais concretos sempre por meio de substantivos. A construção de sentenças cujo eixo de distribuição é organizado pela classe verbal somente aparece em um estágio mais avançado de aquisição da língua. Essas considerações não têm, contudo, a pretensão de exaurir a discussão em torno da comprovação teórica e empírica da matricialidade nominal, mas apenas traçar um esboço portador de razoabilidade lastreada em evidências psicolinguísticas e em achados interlinguísticos, para os fins deste artigo. Uma discussão mais detida merece uma publicação em particular.

² Acerca do pendor humano imane para a abstração, Givón (1995) argumenta que a expansão do vocabulário somente se torna possível em razão de um contínuo processo de abstração. Noutros termos, assinala que a abstratização é *conditio sine qua non* para uma expansão da percepção. Além disso, em uma sociedade complexa e atravessada por múltiplas competências, é natural que os códigos de comunicação sejam maleáveis o suficiente para se ajustar a processos complexos de referência, os quais se encontram abertos para contínuas expansões e absorções de novos padrões representacionais. Eis a razão pela qual Givón (1995, p.433) declara que o vocabulário está se expandindo continuamente por via de processos de abstração. Atente-se para a proximidade dessa argumentação de Givón (1995) com a de Halliday (2004), principalmente quando este último trata da protogramática. Em suma, com base nessa convergência de teses, a gramaticalização enquadraria ou consubstanciaria, de modo mais específico, uma tendência geral de usar a língua, a partir de referências concretas e corpóreas em direção a referências mais abstratas. A classe fundamental para a representação, por excelência, é a nominal, a partir da qual, em virtude de uma série de gramaticalizações intra- e interclasse, formam-se as demais classes, as subclasses e os formativos derivacionais e flexionais, consoante Campelo (2007).

³ À guisa de esclarecimento, sem maiores incursões em refinamentos conceituais e teóricos relativos à teoria da referência, entende-se, neste artigo, o termo ‘ente’ como permutável com o termo ‘referente’.

De um modo geral, supomos aqui que as nomeações gerais⁴ precedem as referências antropofóricas, ou seja, os nomes destinados a identificar todo e qualquer referente ou evento precedem os nomes destinados a identificar os seres humanos. Assim, dentro da classe nominal, existem nomes designadores de referentes de toda ordem. Tais nomes servem de base para a dação de antropônimos, por meio da conexão de traços semânticos⁵, culturalmente tidos como relevantes (por motivos os mais diversos), desses referentes com os batizados. Eis o motivo de os nomes próprios serem inspirados em referentes, tais como ‘*Abelardo*’ (nome dado a alguém responsável por abelhas), ‘*Geraldo*’ (o senhor da lança), ‘*Pedro*’ (literalmente pedra), entre muito outros. Naturalmente, em culturas mais abstratizadas⁶, a alusão a nomes ou experiências muito concretas não é extensível a todos os casos, muito embora não deixe de existir⁷.

A consideração do nome como matriz de todas as classes reside na análise aprofundada dos processos de aquisição da língua oral e dos de gramaticalização. Significa dizer que os seres humanos, quando crianças, aprendem, em primeira mão, a nomear. Ao aprenderem a nomear, aprendem a indicar referentes de natureza concreta. Entre estes, principalmente aqueles vinculados à sua esfera perceptual imediata. Em assim sendo, o campo de construção referencial de uma criança evidencia o processo hipotético originário de formação da própria linguagem verbal sempre do concreto para o abstrato.

⁴ Não se devem confundir *nomeações gerais* com *nomes gerais*. Os nomes gerais são nomes de extensão semântica ampla, tais como as proformas nominais. As nomeações gerais são nomes destinados a identificar todo e qualquer referente ou evento. Essa ponderação advém da pressuposição, aqui defendida, de que os nomes para referir entes (referentes e eventos) precedem os nomes de antropoforicidade autorreferida ou heterorreferida. Os nomes, em tese, prestam-se, em uma caracterização filogenética, a referir os referentes e os eventos antes de referir os seres humanos, quer por meio de seus nomes próprios, quer por meio de formas de tratamento gerais (proformas nominais pessoais – os pronomes pessoais da gramática tradicional), quer por meio de formas de tratamento específicas (axiônimos aqui denominados democráticos).

⁵ Por ‘traços semânticos’, pretende-se significar atributos dos referentes ou de estados de coisas que motivam a dação de antropônimos ou de axiônimos. Por exemplo, o nome ‘Pedro’, alusivo ao referente ‘pedra’, tornou-se fonte motivadora para a dação de nomes próprios ou antropônimos em virtude de o mencionado referente portar características culturalmente valoradas, tais como a durabilidade e/ou a solidez. Naturalmente, a motivação para a dação de antropônimos com base na designação de referentes não necessariamente provém de valores positivos. Há uma série de registros cartoriais de nomes próprios ridículos, o que demonstra que a valoração nem sempre se motiva em referentes ou eventos culturalmente bem valorados.

⁶ Muito embora se corra o risco de ser tachado de etnocêntrico, entende-se por culturas mais abstratizadas aquelas cujo acervo de conhecimento as retirou de uma relação de dependência muito direta da natureza. Assim, as sociedades industriais, de um modo geral, apresentam uma complexidade tecnológica maior do que sociedades que não se desenvolveram no mesmo sentido. Convém ressaltar que o acervo linguístico mais complexo das sociedades industriais deve ser analisado em seu conjunto. Isso porque os membros, observados individualmente, das sociedades industriais utilizam-se e dominam o acervo linguístico de forma extremamente heterogênea. Nesse sentido, admite-se que as sociedades industriais, em razão de sua complexificação tecnológica, adquiriram um grau de cultura mais abstrato. Com efeito, as experiências subatômicas, nanotecnológicas e cibernéticas, entre outras, demonstram que as sociedades industriais sofreram uma abstratização cognitiva substancial no decurso do século XX. O impacto dessa abstratização no que atina à dação de nomes próprios é que estes não mais provêm, de forma majoritária, de experiências sensoriais ou referentes concretos tal como sucede costumeiramente nas assim chamadas culturas ‘primitivas’.

⁷ Uma categorização para as motivações metafórico-antronômicas em uma cultura como a brasileira certamente pode inspirar a produção de outro trabalho interessante.

Nosso intuito, aqui, no entanto, é explicar a experiência logogenética da nomeação antropofórica à base de processos metafóricos, ou seja, discutir o percurso de metaforização para a construção de antropoforicidade. Noutros termos, a gênese dos processos de nomeação antropônima e axionímica provém de metáforas cuja origem se radica em nomes de referentes ou eventos para codificar a experiência sensível. Mais especificamente, os nomes designadores de referentes ou eventos do mundo extramental são transportados ou transferidos para os nomes designadores de seres humanos, antropônimos, ou para os nomes designadores de seres humanos como formas de tratamento, axiônimos. A logogênese, por conseguinte, dos antropônimos e axiônimos funda-se na metaforização de nomes designadores de referentes ou de eventos concretos⁸.

A antropoforicidade diz respeito a toda e qualquer designação identificadora de seres humanos. Em assim sendo, a antropoforicidade abarca a antroponímia, entendida como a designação de seres humanos por meio de nomes próprios; a axionímia, entendida como a designação de seres humanos por meio de formas de tratamento lexicais; a proformalização pessoal, compreendida como a designação de seres humanos por meio de formas de tratamento gramaticais (formadas em português ou herdadas do latim).

2. A metáfora em âmbito lexical: dos nomes em geral⁹ para os antropônimos

O que chamamos de metáfora lexical é a eleição de designações de referentes não-humanos como fonte de motivação para a construção da antroponímia. Por outras palavras, nomes em geral servem de base para a definição de nomes próprios em virtude de traços dos referentes de tais nomes em geral serem considerados, pelos mais diversos motivos, culturalmente relevantes. À guisa de ilustração, observem-se os seguintes antropônimos ‘*Fé Esperança e Caridade*’ ou ‘*Treze de Maio de 1888*’ (OLIVER, 2005, pp.13-15). Devem representar a ânsia por demonstrar devoção religiosa, no primeiro caso, e a evocação da data da abolição da escravatura no Brasil, no segundo. De todo modo, ilustram bem que são as experiências de mundo a fonte motivadora da antroponímia, quer com base nos nomes de referentes, quer nos de eventos.

A impressão de nomes pessoais provém, portanto, de processos de metaforização, ou seja, da transferência para os nomes próprios, antropônimos, de nomes designadores de referentes ou de eventos percebidos como relevantes, etiônimos (ainda que seja para a expressão de desagrado e de malevolência para com o indivíduo batizado). Tais processos se fundam no transporte de

⁸ Convém advertir que as metaforizações a que se deseja aludir neste momento, motivadoras da antroponímia e da axionímia, têm caráter mais concreto porque não são formas empregadas para referir todo e qualquer usuário da língua, tal como sucede com as proformas nominais pessoais herdadas do latim ou forjadas em português. Tais metaforizações da antroponímia e da axionímia (principalmente da axionímia democrática) são originárias de nomes designadores de referentes ou eventos extraídos da experiência sensível.

⁹ Pensamos em sugerir o neônimo *etiônimo* para referir os nomes em geral, isto é, os nomes designadores de referentes e eventos da experiência sensível que motivam a dação de antropônimos e axiônimos. A base etimológica provém do substantivo grego ‘aitía’, isto é, ‘causa’ ou ‘motivo’. Parece-nos que esse neônimo designa a contento o significado que se pretende imprimir aos nomes em geral, isto é, designações fonte de antropônimos ou axiônimos por meio de processos metafóricos.

nomes de referentes ou eventos valorados em uma dada sociedade para nomes de indivíduos em particular. Esse processo de metaforização não representa senão a consubstanciação de uma antropoforização, quando se tratar, naturalmente, de transporte de nomes de referentes não-humanos ou eventos para referentes humanos. Ou seja, imprimem-se a referentes humanos os nomes de referentes não humanos em virtude de as características de tais referentes ou atividades conectadas a determinados referentes serem valoradas de alguma forma, em uma dada comunidade. Esse trânsito da referência não-humana para a referência antropofórica no universo da antroponímia é mais claramente identificável em culturas indígenas. Basta uma revista rápida sobre nomes de base tupi para comprovar o que ora declaramos: ‘*Ataliba*’ – galo; ‘*Caobi*’ – folha azul; ‘*Guatemoque*’ – águia que tomba; ‘*Juari*’ – rio dos jaús (peixe fluvial brasileiro); ‘*Juçanã*’ – laço para apanhar (OLIVER, 2005). Todos os nomes próprios mencionados estão relacionados com eventos ou referentes identificáveis no mundo extramental ou na experiência sensível de origem indígena.

Contudo, essas especulações não devem levar à suposição de que há percurso rígido de designações concretas para antropônimos. Com efeito, em culturas mais complexas, formas de tratamento, axiônimos, podem formar antropônimos, *vide* os exemplos de ‘*Almirante*’¹⁰, ‘*Doctor*’, ‘*Faraó*’ (OLIVER, 2005, p.13). Além disso, o processo de escolha antroponímica não é regido pela experiência sensível de modo direto. Com efeito, os nomes próprios são eleitos com base em motivações não necessariamente associadas aos nomes de referentes ou de eventos do mundo sensível.

A relação entre os antropônimos e os axiônimos não é de causalidade. Com efeito, os antropônimos candidatos a transformar-se em formas de tratamento lexicais provêm de alguns raros nomes de figuras proeminentes. De fato, exemplos como ‘*César*’ e ‘*Augusto*’ são ilustrativos de que raramente antropônimos podem se transformar em axiônimos¹¹. Certamente há fatores de ordem cultural a determinar a possibilidade de nomes próprios serem alçados à condição de formas de tratamento lexical. É possível que a crescente democratização¹² por que a sociedade ocidental passou ao longo do século XX tenha bloqueado a transformação do nome de personalidades históricas em formas de tratamento prestigiadas, tal como sucedeu na antiguidade. As sociedades imperiais admitiam a louvação de indivíduos poderosos a ponto de seus nomes próprios transformarem-se em títulos ou formas de tratamento. No trato interpessoal, nomes de figuras proeminentes podem ser usadas como formas de tratamento para produzir os mais diversos efeitos, mas não adquiriram o estatuto de tratamento governamental equiparável aos dos imperadores romanos César e Augusto¹³.

A fim de encerrar essa seção, cumpre frisar que os processos de construção de antroponímia se fundam em metáforas lexicais. Tais metáforas são lexicais em virtude de a

¹⁰ Esse antropônimo provém de pessoa conhecida do autor.

¹¹ Há uma série de antropônimos (inclusos os pseudônimos) que adquirem extensão semântica, tais como ‘*Pelé*’, para designar o bom futebolista, ou ‘*Xuxa*’, para mulheres de mesmo perfil psicofísico. Porém, tais antonomásias não podem ser caracterizadas como formas de tratamento gramaticais.

¹² Baseamo-nos em Hobsbawm (1995) para declarar que o século XX representou uma era de ascensão das massas e de seus costumes.

¹³ Com efeito, pessoas autoritárias podem ser interpeladas ou referidas como ‘*Mussolini*’, ‘*Hitler*’, ‘*Luís XIV*’, etc. Atletas ou desportistas podem ser referidos como ‘*Pelé*’, ‘*Maradona*’, ‘*Zico*’, etc. No entanto, o uso desses antropônimos como axiônimos tem caráter eventual.

especificidade referencial das nomeações gerais (etiônimos) matriciais ser mantida. Por outras palavras, a motivação referencial originária mantém-se identificável nos nomes próprios. Estes antropônimos, por seu turno, em razão de serem nomes destinados a identificar indivíduos, apenas corroboram a sua natureza semântica específica¹⁴. Dificilmente, portanto, os antropônimos podem transformar-se em proformas nominais pessoais, vez que conservam um caráter semântico muito específico¹⁵. De todo modo, torna-se visível que os antropônimos são construídos à base de transferência de nomeações gerais dos referentes ou eventos do mundo sensível. Essa operação linguístico-cognitiva configura um processo de metaforização mais concreta e lexical porque a identificação dos etiônimos fonte é mais direta. Porém, em suma, uma metaforização dos antropônimos não tem grande amplitude referencial, isto é, não tem o alcance genérico de nomes gerais tais como as proformas nominais pessoais (os pronomes pessoais ou formas candidatas a pronomes pessoais). Esse tipo de metaforização é discutido na seção a seguir.

3. A metáfora em âmbito gramatical: das formas de tratamento para as proformas nominais pessoais (pronomes pessoais)

O que é comum aos dois processos de metaforização em tela é a antropoforização. Por outras palavras, tanto na metáfora lexical quanto na gramatical, a incidência da antropoforicidade é fundamental a fim de transformar etiônimos em nomes próprios, formas de tratamento lexicais e gramaticais (pronomes pessoais). O quadro 01 exhibe o percurso a respeito do qual estamos discorrendo:

Nomeações gerais de referentes de qualquer natureza	Antropoforicidade (tipo de referência codificada pela categoria <i>pessoa</i>)	Nomes próprios
		Formas de tratamento lexical
		Formas de tratamento gramatical (pronomes pessoais)

Quadro 1 – Classes de nomes portadores de antropoforicidade

¹⁴ A metáfora lexical incidente na dação de nomes próprios baseia-se na transferência da designação dos referentes ou eventos para a designação de seres humanos. A transposição da nomeação de referentes não humanos (entes quaisquer ou eventos) para seres humanos caracteriza a operação metafórica. Cuida-se de metáfora lexical em virtude de essa espécie de metaforização ocorrer no âmbito do léxico em sentido estrito. Mais especificamente, essa espécie de metaforização não afeta o quadro das formas pronominais, vez que se trata de itens de referência semântica restrita. Com efeito, a antropoforicidade das formas pronominais pessoais não conhece restrições sociolinguísticas. Diferentemente, a antropoforicidade das formas de tratamento lexicais tem seu uso limitado por fatores sociolinguísticos. Por exemplo, o item lexical ‘*você*’, proforma nominal pessoal, pode ser usado por todo e qualquer usuário que se refira ao seu interlocutor de modo não cerimonioso. Diferentemente, os itens lexicais ‘*meu*’ ou ‘*macho*’, são usados, respectivamente, como formas de tratamento em São Paulo e no Ceará.

¹⁵ Por outras palavras, parece-nos difícil que um antropônimo possa gramaticalizar-se como um axiônimo a ponto de transformar-se em uma proforma nominal pessoal (pronome pessoal), tal como sucedeu com as formas ‘*você*’ e ‘*a gente*’.

A categoria gramatical que melhor define a foricidade humana é a categoria *peessoa*. Como as demais categorias, em uma língua flexiva como o português, ela encontra expressão morfológica. Porém, a expressão morfológica não se manifesta de modo uniforme, nem privativamente. Assim, a rigor, a expressão mais morfológica dessa categoria se encontra em uma classe mais gramatical, isto é, a classe verbal¹⁶.

A classe nominal manifesta, contudo, a antropoforicidade em graus variados de gramaticalização. A variação de seu nível de gramaticalidade é diretamente dependente do tipo de metáfora incidente, se uma metáfora concreta e lexical ou conceitual e gramatical¹⁷. Discutimos, a seguir, com base na tipologia de macroclasses presentes em Campelo (2007), os âmbitos de manifestação da categoria em análise.

3.1. A noção de *peessoa* – a antropoforicidade

É interessante, a nosso ver, com base em nossa compreensão geral de que léxico e gramática estão sempre a disputar a codificação das categorias, ressaltar que a expressão da categoria *peessoa* não é privativa das formas ditas pronominais. Observemos o quadro a seguir:

¹⁶ Considera-se uma expressão mais gramatical da categoria *peessoa* na classe verbal em razão de ser codificada por meio de morfemas (sufixos verbais). Em contraste, a expressão pronominal da categoria *peessoa* é menos gramatical porque não pertence ao âmbito da sintaxe intralexical.

¹⁷ A metáfora mais conceitual ou abstrata incide quando da gramaticalização de itens lexicais de tratamento específico em itens lexicais de tratamento genérico. A ocorrência demonstrativa dessa espécie de gramaticalização na história recente da língua é o item lexical '*você*', o qual transitou, em um primeiro momento, do âmbito da metáfora lexical na medida em que '*mercê*' indicava um referente valorado e passou a constituir uma forma de tratamento cerimonioso; e, em um segundo momento, transitou do âmbito do tratamento aristocrático e/ou cerimonioso para o tratamento interpessoal universal, isto é, para todo e qualquer usuário da língua, qualquer que fosse a situação comunicativa e o estatuto socioeconômico dos participantes da cena enunciativa.

Macroclasse	Formas	
Nome	Pleriforma ¹⁸	Substantivos mais ou menos gramaticalizados para referir os participantes da interlocução (locutor e interlocutor) ou qualquer referente portador de traço humano. A referência antropofórica se aplica a qualquer pessoa do discurso.
	Proforma	Pessoais interlocucionais (pessoais <i>grammaticae traditionis sensu</i>)
		Pessoais possessivos
		Demonstrativos <i>stricto sensu</i>
Verbo	Afixos flexionais	

Quadro2 – A codificação da categoria *pessoa* (antropoforicidade)

Camara Jr. (1989) já indica o percurso de gramaticalização da categoria *pessoa*: léxico → pronomes → sufixos verbais. Porém, na verdade, não há prejuízo da convivência entre as formas de expressão lexical e gramatical. Significa dizer que a categoria *pessoa*, entre as suas expressões lexicais, é codificada pela referência antropofórica aninhada em todo e qualquer nome que refira entes humanos. Em sendo assim, toda e qualquer expressão referencial nominal que carreie antropoforicidade representa uma codificação lexical da categoria *pessoa*.

A pessoalidade ou pessoa em sentido amplo coincide com a visão propugnada por Cervoni (1989, p.29), da qual faremos ilações que nos parecem oportunas para o curso das especulações desenvolvidas aqui:

As três análises convergentes (...) contribuem para demonstrar que a pessoa dita 'terceira pessoa', longe de ser uma 'não-pessoa', é, ao contrário, a pessoa fundamental, 'base', diz-nos G.Moignet, 'de todo o edifício estrutural do francês. (CERVONI, 1989, p.29)

¹⁸ Um exemplo de item lexical pleriformal são os próprios axiônimos lexicais que se prestam à autorreferência ou à referência pessoal. Imagine-se, por exemplo, a situação comunicativa em que o próprio locutor refere a si próprio como '*o papai aqui*' ou '*este Mané*', por oposição ao uso da proforma nominal pessoal '*eu*', semanticamente bastante genérica. As duas primeiras expressões são pleriformas nominais pessoais, vez que são portadoras de carga semântica lexical por carregarem referência específica. Com efeito, o item lexical '*papai*' refere o progenitor de seres humanos em seu uso não estilizado ou normal e o item lexical '*Mané*' indica indivíduo bobo ou tolo. Assim, as pleriformas nominais pessoais são os itens lexicais de carga semântica específica que se prestam a referir os participantes da cena interlocutória. Por outras palavras, são formas de tratamento de valor semântico mais específico porque são sociolinguisticamente marcadas. Novamente, elas contrastam com as proformas nominais pessoais, vez que estas últimas são usadas por todo e qualquer usuário da língua, independentemente da espécie de variação. Assim, o item '*eu*' é usado por todo e qualquer usuário da língua portuguesa, qualquer que seja a sua condição social, faixa etária, gênero, região.

Essa noção dá sustentáculo para o nosso entendimento geral da gramaticalização da categoria *pessoa*. Mas, para nós, o fundamental provém da combinação das especulações de Lyons (1977) sobre os nominais do Quase-English¹⁹, inclusas principalmente as formas antropônicas, com a hipótese evolucionária de Givón (1991).

O desdobramento fundamental é a suposição de que, em um estágio primordial de gramaticalização da categoria *pessoa*, os antropônimos²⁰ provêm de nomeações gerais quaisquer antropoforizadas. Com efeito, conforme temos exposto ao longo deste artigo, os nomes próprios humanos provêm de nomes de referentes ou eventos do mundo concreto ou de experiências nominalizadas do mundo sensível ou extramental. A motivação matricial da antroponímia se fundaria no relacionamento do indivíduo recipiendário de dados nomes com os atributos dos referentes ou de experiências conexas a tais nomes – os etiônimos.

Com base, portanto, nessa noção ampla de *pessoa* ou *personalidade*, é possível propugnar a tese de que essa categoria compõe um *continuum* na língua. Destarte, eliminam-se as cisões extremas entre as antigas classes *nomes* e *pronomes* e, conseqüentemente, o suposto aporético resultado sem soluções teóricas válidas dos pontos de convergência e divergências entre as pleriformas e proformas nominais que portam a categoria *pessoa*, em sentido lato e estrito. Resolve-se, assim, igualmente, com a postulação de um *continuum* em permanente reordenação com as disputas de léxico e gramática, que há um trânsito responsável pela possível remodelação do quadro das proformas nominais pessoais mais gramaticalizadas, em sentido geral (ou seja, com a inclusão da terceira pessoa), ou em sentido estrito (apenas as formas de referência estrita ao eixo básico de interlocução).

¹⁹ A admissão de Lyons de que os pronomes pessoais (mesmo aqueles em sentido estrito, ou seja, *eu* e *tu*, da análise propalada de Benveniste) são substitutos dos antropônimos, conserva-lhes o estatuto de pronominalidade igual ao dos demais pronomes, em sentido estrito, isto é, substitutos de nominais. Destarte, desmantela-se o pseudodilema de que os pronomes pessoais em sentido estrito não poderiam ser considerados pronomes, ou, por uma terminologia mais precisa, proformas nominais. O termo Quase-English refere uma espécie de língua primitiva ou sistema semiótico protolinguístico em que a autorreferência seria realizada por meio de antropônimos dos falantes em lugar de pronomes pessoais.

²⁰ Estes, por seu turno, também oriundos de nomes concretos em geral, o que, em larga medida, sucede até hoje.

Grau máximo de gramaticalidade	Grau elevado de gramaticalidade	Grau relativo de gramaticalidade	Grau mínimo de gramaticalidade
Metaforização conceitual em grau máximo	Metaforização conceitual em grau máximo	Metaforização conceitual em curso	Metaforização lexical
Proformas nominais pessoais	Proformas nominais pessoais	Formas nominais pessoais em trânsito - pleriproformais	Pleriformas nominais pessoais
Formas herdadas do latim com adaptações fonéticas do português	Formas de gramaticalidade de estatuto equivalente às herdadas do latim, mas já forjadas em português	Formas aspirantes à inclusão no quadro de menor restrição sociolinguística	Formas sociolinguisticamente variadas (inclusas as formas de tratamento tradicionais muito específicas)
Todas as formas herdadas do latim Eu, tu, ele(a)(s), nós, vós	Você – a gente	<i>A (pron.poss.) pessoa²¹; Senhor²²; Seu</i>	<i>Campeão, chefe, amigo (a), patrão(oa), irmão, professor, santo(a), Magnificência, Meritíssimo, Majestade, Alteza, etc.</i>

Quadro 3 – *Continuum* da codificação da categoria *pessoa* entre as pleriformas e proformas nominais

É interessante observar que as formas inclusas entre as pleriformas nominais pessoais têm uma referência muito restrita.

Vale ressaltar, a fim de concluir essa seção, que a categoria *pessoa*, em sentido amplo, é governada pela *antropoforicidade*, ou seja, por toda e qualquer construção pleriformal ou proformal designadora de seres humanos. Por outras palavras, a referência antropofórica preside a distribuição da categoria *pessoa* entre as pleriformas nominais e proformas nominais pessoais.

Convém observar a combinação das formas de tratamento acima em que se discriminam o grau de gramaticalidade, o estatuto semântico²³ e o caráter sociolinguístico com o tipo de metaforização incidente.

²¹ Aqui nos referimos às construções ‘**a minha pessoa**’ para designar a autorreferência, ‘**a tua/sua pessoa**’ para designar a heterorreferência.

²² A colocação da forma ‘**senhor**’ como forma intermediária de gramaticalização carece, de fato, de maiores estudos. De todo modo, parece-nos que essa forma não é equiparável nem aos axiônimos sociolinguisticamente marcados, aqui chamados de axiônimos aristocráticos e democráticos; nem às proformas nominais forjadas em português, ‘**você**’ e ‘**a gente**’. Esse caráter intermediário, contudo, ainda necessita ser posto à prova.

²³ O seu estatuto semântico é discriminável na medida em que são inseridas como proformas ou pleriformas. A categorização como proformas indica, em termos semânticos, a perda de intensão semântica. Por exemplo, o item lexical ‘**eu**’ refere todo e qualquer usuário, indiscriminadamente, que assume o papel de locutor em uma dada enunciação. Assim, essa forma, semanticamente, porta apenas os traços semânticos otimizados da função de emissor. De outra forma, a expressão nominal ‘**a minha pessoa**’ é menos genérica do ‘**eu**’, mas não tão específica quanto a citada a seguir. De fato, a expressão nominal ‘**o amigo aqui**’ é, semanticamente, portadora de traços semânticos ainda mais específicos, o que restringe seu uso a situações específicas. Assim, em termos semânticos, há uma gradação quanto à carga referencial das expressões usadas para referir o locutor ou emissor nos exemplos apresentados. Da mesma forma, parece-nos possível compor uma escala para todas as demais pessoas.

É possível especular que a metaforização lexical não representa nada além de uma transferência de atributos de referentes mais concretos ou concretos para formas de tratamento em situações comunicativas restritas. Assim, por exemplo, ‘*Magnificência*’ não é forma de tratamento empregável senão para referir reitores de universidades, de modo que seu alcance referencial é extremamente limitado sociolinguisticamente. Difere completamente de ‘*você*’, em que não há restrição à natureza do interlocutor quanto a qualquer variável sociolinguística²⁴.

3.2. Axionímia gramatical e lexical

Entre as formas representativas dos diferentes graus de gramaticalidade do quadro 03, podemos nos indagar se a axionímia não se presta à formação de proformas. Ora, o caso de *você*²⁵ representa um exemplo de que formas axionímicas podem transitar para a condição de proformas nominais pessoais (LOPES, 2003). Por outras palavras, formas de tratamento específicas podem alcançar um grau mais elevado de gramaticalidade por obra de processos de gramaticalização, os quais são definidos por fatores cognitivo-pragmáticos com efeitos fônicos, mórficos, sintáticos e semânticos. Porém, não necessariamente esse percurso deve ser observado, vide o caso de ‘*a gente*’, que não representou uma forma de tratamento específica, ou seja, trata-se de um caso de nomeação geral que se transformou em uma proforma nominal pessoal. Bem, antes de avançarmos para outros pontos, convém firmar uma diferença conceitual e terminológica para a axionímia lexical. A nosso ver, a axionímia lexical (as formas de tratamento) da gramática tradicional (doravante GT) é flagrantemente heteronômica, isto é, ela restringe as formas de tratamento lexical a um grupo muito restrito de referentes humanos. Tais formas de tratamento nos ensinam que as sociedades humanas em geral são heteronômicas, ou seja, constituem-se por meio de hierarquias. Por outras palavras, tais formas de tratamento estão radicadas em uma hierarquização de ordem societal, a qual pode ser definida por diversos valores como, por exemplo, o poder econômico, o poder religioso, o poder familiar, ou, simplesmente o trato interpessoal simétrico ou assimétrico. Esse tipo de axionímia lexical, à qual a GT confere tratamento privilegiado, será designado por nós de *axionímia lexical aristocrática*. Ela difere inteiramente de uma *axionímia lexical democrática*, cujas ocorrências serão apresentadas em 3.2.2 e têm sido solenemente ignoradas pela GT e quaisquer compêndios gramaticais e linguísticos. Discutamos, a seguir, em separado, os dois tipos de axionímia lexical.

²⁴ Naturalmente, apenas situações comunicativas muito restritas, em que se demande o uso de formas de tratamento específicas podem bloquear o uso da forma pronominal genérica ‘*você*’. As diferenças de genericidade e especificidade fônicas das pleriformas nominais pessoais e as proformas nominais pessoais podem ser encontradas em Campelo (2007).

²⁵ Não nos parece casual que uma forma originalmente destinada a prestar deferência a autoridades ou a indivíduos portadores de alguma espécie de poder socialmente reconhecido, com a sua vulgarização, ou simetriação, tenha-se transformado em uma forma pronominal de estatuto equivalente às herdadas do latim (caso de ‘*você*’).

3.2.1. Axionímia lexical aristocrática

A GT, ao abonar unicamente formas de tratamento destinadas a autoridades (políticas, eclesiásticas²⁶ e acadêmicas) reflete uma análise compatível com a tessitura societal ocidental heteronômica, isto é, uma disposição social em que há assimetria entre os membros constituintes do corpo social.

Os axiônimos abonados pela GT espelham, nitidamente, a seleção social dos dignos de distinção. Porém, importa ressaltar que tal percurso não pode ser tido como o único possível, uma vez que ao se analisar proforma nominal pessoal '*a gente*', não se identifica nela, em sua origem, uma forma representativa de axionímia lexical aristocrática. O percurso de gramaticalização, portanto, não necessariamente deve transitar por formas oriundas de axionímia lexical aristocrática para a reconfiguração do quadro das formas de tratamento gramaticais. Analisemos, contudo, quão restrito é o quadro da GT em que se apresentam somente formas de axionímia lexical aristocrática.

Ressalte-se que a GT acolhe formas de tratamento, axiônimos, de 2ª. e 3ª. pessoas, como se pode depreender do quadro de Cunha & Cintra (1990, p.283)abaixo:

Tratamento	Abreviatura	Usado para:
Vossa Alteza	V.A.	Príncipes, arquidukes, duques
Vossa Eminência	V. Em ^a .	Cardeais
Vossa Excelência	V. Ex ^a .	No Brasil: altas autoridades do Governo e oficiais e generais das Forças Armadas; em Portugal, qualquer a quem se quer manifestar grande respeito.
Vossa Magnificência	V. Mag ^a	Reitores de universidades
Vossa Majestade	V.M.	Reis, imperadores
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex ^a . V.Rev. ^{ma}	Bispos e arcebispos
Vossa Paternidade	V.P.	Abades, superiores de conventos
Vossa Reverência ou Reverendíssima	V.Rev. ^{ma}	Sacerdotes
Vossa Santidade	V.S.	Papa
Vossa Senhoria	V.S. ^a .	Funcionários públicos graduados; oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimônia.

Quadro 4 – Pronomes de tratamento Cunha & Cintra (formas axionímicas lexicais aristocráticas)

Percebe-se, portanto, que a visão tradicional é heteronômica porque contempla as personalidades prestigiadas de nossa sociedade. Outras formas de tratamento que abrigam

²⁶ No tocante às autoridades eclesiásticas, a GT restringe suas designações aos membros da Igreja Católica, *Santidade*, *Reverendíssima*. Naturalmente, é compreensível em razão de, no Brasil, até o séc.XIX viger, oficialmente, única e exclusivamente a referida instituição religiosa. Porém, atualmente, essa restrição representa uma franca discriminação aos outros cultos.

antropoforicidade são simplesmente ignoradas. O que vai definir o estatuto de gramaticalidade de uma dada referência antropofórica é o seu grau de frequência de uso (Campelo, 2007). A expressão de antropoforicidade mais gramaticalizada não será seguramente representada pelos axiônimos desprezados pela GT, vez que estes últimos são sociolinguisticamente desprestigiados porque referem usos restritos e/ou populares. Se os usos são restritos ou populares, com finalidades de trato simétrico e assimétrico múltiplas, são, provavelmente, pleriformas nominais antropofóricas. Os axiônimos mais neutros são as proformas nominais pessoais herdadas do latim e as forjadas em português de largo uso, conforme se apresenta no quadro 04. Cumpre observar, para finalizar esta seção, que formas de tratamento lexicais de amplo uso, tais como *senhor* e *dona* não constam do quadro muito aristocrático ou elitista proposto pelos autores²⁷.

3.2.2. Axionímia lexical democrática

A axionímia lexical democrática representa toda e qualquer forma nominal a que se empreste um caráter antropofórico, mas que não têm sido abonadas como formas de tratamento. Por outras palavras, todo e qualquer item nominal usado, metaforicamente, para referir seres humanos representa esse tipo de axionímia. A diferença em relação à axionímia aristocrática reside, primordialmente, no reflexo da gramática tradicional da organização heteronômica do tecido social. O efeito da concepção heteronômica na gramática tradicional tem sido a exclusão das formas de tratamento mais populares.

Em termos sociolinguísticos mais desinteressados, sem discriminação de formas de tratamento de vários segmentos sociais em diversas situações de uso, em diversas regiões da lusofonia; é possível reconhecer axiônimos característicos de usos próprios de determinadas regiões, ou de grupos de gênero, ou simplesmente de trato social distenso e assimétrico, como as ocorrências a seguir bem ilustram²⁸:

1. Era engraçado. E bastante esquizofrênico. Mas de repente o real tinha-se tornado bem menos retórico. " Você começa hoje, **cara** " - dissera Castilhos no telefone. (Brasil – Ficção)
2. Deve cascar o almofadinha. - Xi, Pepino! Você é ainda muito criança. Tu é ingênuo, **rapaz**. Não conhece a podridão da nossa imprensa. Que o quê, meu nego. Filho de rico manda nesta terra que nem a Light. Pode matar sem medo. É ou não é, Seu Zamponi? (Brasil – Ficção)
3. O senhor não tem medo que isso se repita aqui e devido essa deficiência os policiais, mesmo criminosos, comprovem inocência? NF - **Meu amigo**, isso é uma situação completamente diferente. A do Collor é uma situação política e a nossa não. Há muito tempo os jornais dão notícias de crimes praticados por policiais civis e militares. (Brasil – Oral)

²⁷ Talvez seja possível minimizar o impacto da lacuna em virtude do período ditatorial em que as primeiras edições foram lançadas. Nesse período, o que quer que evocasse simpatia pelo interesse coletivo poderia ser tido como manifestação subversiva ou contrária à ordem então vigente.

²⁸ Todas as ocorrências que não forem seguidas pela indicação expressa de um sítio eletrônico foram retiradas do sítio www.corpusdportugues.org. Trata-se de relevante banco de dados linguísticos organizado por professores da Universidade de Washington. A indicação dos gêneros ficcional e oral provém da categorização originária do referido *corpus*.

4. Um dia, eu estava observando Caetano tocando seu violão. Ele me parecia tão tristonho, cabisbaixo... Cheguei para ele e disse: **meu irmão**, ficar aí sentado, dedilhando essa música calminha, isso não tem a ver com você. Por que você não larga esse violão e pega uma guitarra elétrica? Ele atendeu ao meu pedido. (Brasil – Oral)
5. E chegou adiantado; quer muito me ouvir. - **Meu irmãozinho**.. Logo de cara soltei um meu irmãozinho, não era assim, a polícia, irmãozinho, os guerrilheiros, companheiro? (Brasil – Ficção)- Não é nome de gente. Bom Jesus é lugar. Bom Jesus da Lapa, pode ser. - Não. Falo de um homem. - Não está mangando não, **meu compadre**? - Não senhor. Bom Jesus mesmo. (Brasil – Ficção)
6. - Pode parar, por favor, no entroncamento, amigão. Vou ficar aí mesmo - disse ele. - Que é isso, **meu chapa**? Te levo até Marabá. A gente toma um bom banho, come uma bóia na pensão da Noca e, depois, vamo pra zona, meu chapa, pegá umas puta e tomá cerveja. (Brasil – Ficção)
7. Sem compromisso, sem prejuízo para os que faltarem, sem sabotagem. Gentile abriu o rosto num grande sorriso, estendeu a mão que Ciríaco apertou: - Você é um amigão, **companheiro**. Voltando-se para os homens que tinham vindo com ele, comandou: - Vocês três, às ordens de Ciríaco. (Brasil – Ficção)
8. - eu me esqueci o que eu ia concluir - o homem é que tem que fazer uma força danada do homem - tá: doido - a mulher é um receptáculo, **rapaz** - é: - sei tem aquela aquele aquele - mas é o criatório né? (Brasil – Oral)
9. E acrescenta: " Chama-se Cajango ". Ergue o busto, a rédea na mão, para concluir: " Desgraça do sul, **menino**. Parece que o cacau precisa do sangue da gente para nascer ". Interrompe sua própria lembrança para dizer: Sei que esta luta não acabará tão cedo. (Brasil – Ficção)
10. No máximo, Deborah Kerr. Das mais recentes, talvez Michelle Pfeiffer. Jamais mulatas de botas brancas. - A legenda: " Que coxas, hein, **meu** " Uma de vinte toques, descontando o i, cabe certinho. (Brasil – Oral)
11. Valeu **macho** veí pela visita !!! <http://flog.vaquejadas.com/julinho/>
12. (...) relanceou os olhinhos pelos assistentes, e mui de manso pediu ao empregado do balcão: - ' Stá bem.. **Chê!** dê-me aquele queijo.. E apontou para um rodado dum palmo e meio de corda, que estava na prateleira, (...) (Brasil – Ficção)
13. Se o homem que o senhor procura é pessoa mesmo, não está nesse cemitério. Eu que enterrei todo mundo. Agora.. e voltou a cavucar. - Agora o quê, **cidadão**? - Cidadão! - exclamou o cabo. - Chamando Zé Peba de cidadão! **Moco**, isso aí é um criminoso feroz, está assim nulo porque ficou sem ração de cachaça na cadeia. Já matou mais de vinte. (Brasil – Ficção).
14. - Eu o conheço muito bem e sei que você não o faria. Não é suficientemente estúpido para isso. - Não entendo, **mestre**.. o senhor quer dizer que o seppuku é um ato estúpido? - Não.. mas já que você levantou a questão, gostaria que meditasse sobre ela. (Brasil – Ficção).
15. - Com a Patricia. Neal ou Highsmith, pensei em perguntar, talvez Travassos. Aquilo era contagioso. - Com você mesmo que eu quero falar. - Então fala, **meu anjo**. (Brasil – Ficção)
16. No corredor, uma roncadeira esquecida. O capataz punha o frito no alforje, quando ele entrou na sala. - Em cima da hora, **patrão** - disse-lhe um dos cabras. - Hoje nós pegamos ela. (Brasil – Ficção)

17. Munda chegou do mato com uma braçada de cactos no ombro, os espinhos cortados, o facão no cinto. Admirou-se de vê-lo deitado ainda. - Oh, **seu Zé Preguica**, levanta! Não fez caso. (Brasil – Ficção)
18. "Eita que um IDIOTA aí em baixo acha que tem procuração para falar em nome de todos os pernambucanos! Ô **mané**, antes de xingarmos o estado dos outros precisamos olhar para o próprio @\$% Tenho parentes e amigos que, através de concurso, foram morar na Paraíba: pergunta se algum deles quer voltar a morar aqui!
<http://jc.uol.com.br/blogs/blogdotorcedor/comentarios.php?codigo=3937&canal=1>
19. Falta poko pro flog akbar...por isso vo TENTAR fikr até uma da manhã pa fazer no .net! ^^ Tá certo q na foto eu pareço uns 5 kilos mais gorda! puta..eu to uma bola ali **brother!**
http://fotolog.terra.com.br/julika_osuado
20. Adivinhando-lhe o pensamento, o Florindo chegara a propor-lhe: - Eu dou um jeito de passar por cima do muro, **Seu Major**, e abro a porta pelo lado de dentro. - Tire isso da cabeça - replicou Natalino em tom categórico. (Brasil – Ficção).
21. no apartamento do Parque Guinle, ao inteirá-la da sentença do juiz, que lhe tirava a guarda do filho, Benício tentara consolá-la, apertando-a contra o peito: - Eu te darei outro filho, **meu amor**. - Não posso ter outro - confessou ela. (Brasil – Ficção).
22. - Estão nos tratando como porcos! - disse um velho pequenino, de gestos delicados. - Eu prefiro morrer de fome a perder minha dignidade. - É isso aí, **tio!** - concordou um rapazola, dando um tapinha nas costas do velho. - Se é pra gente ficar numa pior, temos que partir logo pra porrada. Eu também não tô a fim de encarar esse rango. (Brasil – Ficção)
23. (...) acessa o site da CBF e confere quem foi o Campeão Brasileiro de 87, aí depois tu conta direitinho e vê que teu flamerda NÃO pode ter 5 títulos nacionais, quer roubar título dos outros é?!? Te toca **mané**, tu tava até sumido, foi teu flabosta ganhar umas partidinhas pra tu voltar com tuas asneiras, tem vergonha e sai do blog, vai procurar blog de carioca!!
PARAIBA MANEZÃO!!! "17/8/2007 08:40
<http://jc.uol.com.br/blogs/blogdotorcedor/comentarios.php?codigo=3937&canal=1>
24. - Qual é o seu nome, **sua vaca!** - gritou ele, num ímpeto de fúria. - Guerrilheiro não tem nome, **seu filho da puta!** - replicou ela no mesmo nível com um esgar de dor e de ódio. (Brasil - Ficção)
25. Ainda bem que te matou, **fera**, um providencial catarro de bexiga: a tua bengala não mais oprime os homens livres, e eu posso impunemente, e com regozijo, escarrar-te sobre a sepultura - já que o haver-te escarrado na face ter-me-ia sido impossível, por ser, como sou, de constituição delicada! (QUEIRÓS, Eça. O Conde d'Abranhos)

Todas as ocorrências acima são axiônimos bastante populares alusivos ao interlocutor, de valor semântico-pragmático variável.

Por exemplo, as cinco primeiras ocorrências, *cara*, *meu amigo*, *meu irmão*, *meu irmãozinho*, *meu compadre*, são usadas para marcar simetria e distensão. Representam expedientes de equalização entre os participantes de uma interação. A primeira, possivelmente, é uma das mais difundidas no português brasileiro. Já *meu chapa* sofre restrições diatópicas, vez que é possivelmente mais usual nas regiões Norte e Nordeste. Conquanto não tenhamos encontrado, estão também sujeitas a restrições diatópicas axiônimos como *cabra* e *chê*, os quais

são mais frequentes nas regiões Nordeste e Sul, respectivamente. Já *meu* é muito restrito à cidade de São Paulo e *macho véi* (variantes *macho*, *mah*) são muito restritos ao Ceará. A seguir, vamos empreender um esforço para categorizar os axiônimos democráticos em campos semânticos específicos.

Companheiro representa ainda, se usado de forma marcada, um eco do tratamento dos esquerdistas, o que identifica sua restrição novecentista ao tratamento de adeptos a determinada ideologia, conforme o exemplo aclara. *Cidadão* é muito usual no trato de autoridades policiais de toda ordem com os civis em geral, o que é revelador de uma circunscrição axionímica diastrática. *Patrão* é forma assimétrica usual quando há efetiva relação patronal em seu uso não marcado. É usado, contudo, para marcar deferência em usos em que tal sorte de relação não existe. Há formas similares, como *meu patrão* e *patrãozinho*. O item lexical *doutor(a)* também, tradicionalmente, é forma de tratamento deferente de advogados, profissionais da saúde (principalmente médicos) e engenheiros, mas é empregado para referir-se de forma mais respeitosa a usuários em geral. *Meu rei*, *minha rainha*, *meu príncipe*, *minha princesa* são usuais como forma de demonstrar carinho ou respeito. *Major* serve para ilustrar a transposição dos axiônimos do meio militar para o uso comum, com o intuito de marcar deferência. Marcou época no Brasil da primeira metade do séc.XX o tratamento de *coronel* para os latifundiários patrocinadores do banditismo no campo, principalmente no Nordeste e no Norte. Outras patentes também são usadas com diversas acepções. *Mestre* não é abonado pela GT, mas é muito usual, em termos não marcados, para referir mentores espirituais de toda ordem e professores. Conhece, porém, usos populares igualmente.

Todas essas formas reveladoras de algum estrato social serão aqui denominadas de *estratoformicas*.

Neg(u)(r)(o)(a), *loro (a)*, *galego*, *crioulo*, *fogoió*, *índio*²⁹, *bugre*, *judeu*, *português (portuga)*, *japa*, *china*³⁰, são formas alusivas à noção étnico-cultural. Em princípio, as formas de citação dos axiônimos *negro* e *louro* são usuais para assinalar simetria e intimidade³¹. Não há restrição étnica para os dois axiônimos de base racial. O mesmo não sucede para os demais axiônimos etnofóricos que se restringem a tipos étnicos específicos. Esses axiônimos serão classificados como *etnofóricos*.

Outros axiônimos que combinam faixa etária e gênero são usuais, tais como *homem*, *mulher*, *moço(a)*, *jovem*, *garoto(a)*, *menino(a)*, *velho(a)*, *moleque*, *piá*, *mirim*, *bebê*, *neném*, *rapaz*. Alguns sofrem, mais usualmente, depreciações axiológicas, de caráter diatópico ou diafásico, como *moleque*, *mirim*, *rapariga* e *puto(a)*, etc. É interessante observar que há ocorrência empregada sem distinção de gênero, como *rapaz*, forma usada para referir homens e

²⁹ É possível que os axiônimos etnofóricos *louro* e *negro* sejam mais usuais em razão de fatores históricos e socioeconômicos e culturais da formação da civilização brasileira. Embora os índios sejam os primeiros habitantes do Brasil e a sua cultura, de forma complexa, tenha sido incorporada à civilização brasileira, o prestígio de seus valores não se equipara ao da herança cultural europeia. Quanto à explicação relativa ao uso massificado do axiônimo etnofórico *negro*, é possível especular que seu uso provenha da predominância numérica dos negros em várias regiões e da profunda miscigenação entre negros e europeus no Brasil. Naturalmente, essas considerações têm caráter ainda especulativo.

³⁰ Os axiônimos *japa* e *china* também podem ser categorizados como topofóricos.

³¹ Todas essas formas combinatórias de gênero e raça podem ser usadas no aumentativo e no diminutivo com matizes semânticos não necessariamente de grau em sentido estrito.

mulheres. Esses axiônimos serão aqui designados como *cronofóricos*, porque salientam a idade do tratamento, com colorações semânticas múltiplas.

Seu Zé Preguiça é uma das muitas ocorrências depreciativas oriundas de antropônimos, tais (*Seu*) *Zé*, (*Seu*) *Zezim*, *Zé Mané*, *João Ninguém*³², etc. Carreiam uma qualificação de desimportância, provavelmente oriunda do fato de se tratar de antropônimos muito usuais, próprios de indivíduos destituídos de autoridade ou pertencentes a classes economicamente desfavorecidas³³. Curiosamente, não há formações axionímicas equivalentes de antropônimos femininos, a não ser em casos de combinações com a forma *Dona*, como *Dona Maria* (190), e de uso muito restrito, em termos contrastivos com os axiônimos de origem antropônímica masculina. Os axiônimos desse tipo podem ser denominados de *androfóricos*.

Meu amor concorre com uma série de outras expressões demonstrativas de carinho e afeição, tais como *meu bem*, *meu/minha querido(a)*, etc. Também são muito usuais para marcar tratamento não cerimonioso entre desconhecidos. *Meu anjo*, em regra, representa uma forma de assimetria, mas com demonstração de simpatia unilateral. Esses axiônimos vão ser classificados como *calofóricos*.

Tio é muito usual no Brasil para marcar uma quebra de cerimônia no trato de um locutor mais jovem para um interlocutor mais velho. O emprego de formas de parentesco com essa finalidade de distensão comunicativa também ocorre com *papai*, *vovô(ó)*, *primo(a)*, *filho(a)*, *mano(a)*. Diferem de *irmão*, porque este último conserva traços sêmicos não apenas da família biológica. Esses axiônimos bem poderiam ser denominados de *genofóricos*³⁴.

Ocorrem também topônimos convertidos, por metonímia, em axiônimos, em regra como tratamento carinhoso ou depreciativo, tal como *Paraíba*. De forma similar, são usados *Ceará* e os gentílicos *baiano* e *goiano*. De todo modo, são axiônimos representativos de assimetria, de tal sorte que o assim tratado é constituído como inferior por alguma razão *ad hoc*. Esses axiônimos podem ser designados como *topofóricos*.

Axiônimos que poderíamos denominar *trofofóricos* (oriundos de referentes do campo semântico de alimentação) e *zoofóricos* (provenientes do campo semântico animal) também são usuais. Os trofofóricos, em regra, são usados com valores semânticos diversos. Além da ocorrência apresentada, são múltiplos os empregos como: *pamonha* (indivíduo sem vontade), *chuchu* (mulher atraente), *tapioca* (politicamente instável), *bolo*, *filé*, *goiaba*, *banana*, *doce de coco*, *cocada*, *milho desbulhado* (mulher atraente), etc. Os últimos, quer se utilize o hiperônimo ou hipônimos, podem ter acepções bem valoradas. Além de *vaca*, são costumeiros: *jumento*, *burro*, *cavalo*, *porco*, *lesma*, *papagaio*, *sariema*, *sibiti*, *macaco*, *gavião*³⁵, *onça*, *cobra*³⁶, *pato*,

³² Os axiônimos androfóricos *João Ninguém* e *Zé Ninguém* não são estritamente androfóricos porque são compostos com uma proforma nominal indefinida. Porém, não nos parece casual que esses nomes, usuais para grande parte da população masculina, a mais cobiçoso de projeção social tradicionalmente, sejam os usados para esse tratamento.

³³ Naturalmente, essa asserção está sujeita a comprovação com base em uma recolha de ocorrências de *corpora* representativos.

³⁴ O mesmo sucede com o axiônimo importado, *brother*, como demonstra o exemplo 19.

³⁵ Esse axiônimo zoofórico designa o homem conquistador.

³⁶ Esse axiônimo pode designar indivíduo intelectualmente muito capaz ou mulher ardilosa. Portanto, pode valorar positiva ou negativamente.

*peixe, mula, cachorro, dragão, veado, tartaruga, bacori, porca que fuça*³⁷, etc. Os axiônimos hiperonímicos zoofóricos como *bicho, fera e animal* são muito usuais, com acepções semânticas antipodais, isto é, podem carrear valoração positiva e negativa³⁸.

Finalmente, as ocorrências chulas estão exemplificadas apenas para assinalar que há uma gama muito variada de xingamentos e insultos. Esses axiônimos fesceninos ou obscenos também estão sujeitos a toda sorte de variação de gênero, região, faixa etária e situação³⁹. O estudo dos axiônimos desse jaez merece um aprofundamento igualmente específico. Por ora, vamos denominá-los de axiônimos *escatofóricos*.

Cumpramos observar que as ocorrências não se limitam a uma espécie restrita das subcategorias apresentadas. À guisa de exemplo, o axiônimo *cachorro* pode ser, a um só tempo, zoofórico e escatofórico.

Considerações finais

O propósito deste artigo foi, em primeiro lugar, associar o pensamento cognitivista da visão funcionalista no tocante a problemas da morfologia lexical e flexional. Assim, procuramos distinguir e categorizar, com base em uma concepção amalgamada de escolaridade e de binarismo, níveis diferentes de manifestação metafórica ou antropometafórica. As metáforas operam como processos inalienáveis de formação da cognição humana, quer para representar entes do universo sensível e fenomênico, quer para designar entes do universo inteligível ou numérico. cremos que, em termos teóricos, as diferenças fóricas firmadas para compreender a matriz referencial dos tipos de antropônimos e de axiônimos são sustentáveis, muito embora haja muito que discutir a respeito da motivação de antropônimos e axiônimos em recolhidas de dados de universos linguísticos específicos.

Dessa forma, a metáfora, em um nível mais concreto e lexical, presta-se como artifício heurístico para explicar a transposição de nomes designadores de referentes ou eventos da experiência sensível, os etiônimos, para a referência antropofórica antroponímica e axionímica lexical. A axionímia lexical representa um estágio de metaforização em que há uma recuperação da motivação referencial original de forma mais direta, tais como nos axiônimos estratofóricos, etnofóricos, cronofóricos, androfóricos, calofóricos, genofóricos, topofóricos, trofofóricos, zoofóricos e escatofóricos. A axionímia gramatical, no entanto, seleciona apenas traços de antropoforicidade mais genéricos, na medida em que a sua referência sofre uma progressiva neutralização de tal modo que passa a ser utilizada sem restrições variacionistas. O fator pragmático da frequência de uso e propriedades antropofóricas mais genéricas talvez respondam

³⁷ Regionalismo nordestino que designa indivíduo que aborrece.

³⁸ É bem possível que, regra geral, os axiônimos zoofóricos carreguem noções mais detrativas que dignificantes. Porém, os axiônimos zoofóricos referentes de animais fortes assumem, em determinados contextos, valores positivos. Um estudo mais dirigido poderá revelar os contornos semântico-pragmáticos mais específicos dos usos desses axiônimos.

³⁹ Em determinados meios, o uso de axiônimos escatofóricos assume valores semânticos positivos, como, por exemplo, no meio masculino em que os xingamentos são ilustrativos de entrosamento e amizade.

pela escolha de itens lexicais como *gente* e *você* para recompor o quadro das proformas nominais pessoais.

O objetivo de demonstrar a relação entre a codificação da experiência sensível e a referência antropofórica antroponímica e axionímica, assim nos parece, foi satisfatoriamente atingido. Porém, o tema da contribuição da metáfora antropofórica para a compreensão da antroponímia e da axionímia merece uma série de aprofundamentos e de pesquisas cujo empreendimento pretendemos levar a bom termo em outras publicações. À guisa de ilustração, uma categorização mais precisa do quadro da axionímia lexical democrática com base em campos semânticos de relativa estabilidade carece de uma análise qualitativa e quantitativa mais aprofundada.

ABSTRACT: The antropophoric metaphor founds the construction of human reference in lexical and grammatical terms. On the basis of lexical antropophoric metaphor, names in general operate as a source for naming antroponyms and axionyms, in so far as culturally relevant semantic traces of referents and events assigned by such names are selected. There are two courses of antropophoric metaphorization: the lexical metaphorization of any names into antroponyms; the conceptual metaphorization through the choice of generic names, by and large forms of treatment, to rebuild the table of personal pronominal forms.

Key-words: lexical and grammatical metaphors; antropophoricity; grammaticalization

Referências

BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*. Volume 82, Number 4, December 2006.

CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. 7. ed. Rio de Janeiro: Padrão. 1989.

CAMPELO, Kilpatrick. *O estatuto conceitual e funcional das proformas*. Pronome: o protótipo das proformas. Tese de doutorado.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HALLIDAY, Michael. *Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 2004.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

LOPES, Célia Regina dos Santos & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. De *Vossa Mercê a você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: Silvia Figueiredo Brandão; Maria Antónia Mota. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português*: primeiros estudos. 1 ed. Rio de Janeiro: Contexto, 2003, v. I, p. 61-76.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

RECEBIDO EM 10/04/2011 – APROVADO EM 20/07/2011